



JOGOS FLORAIS

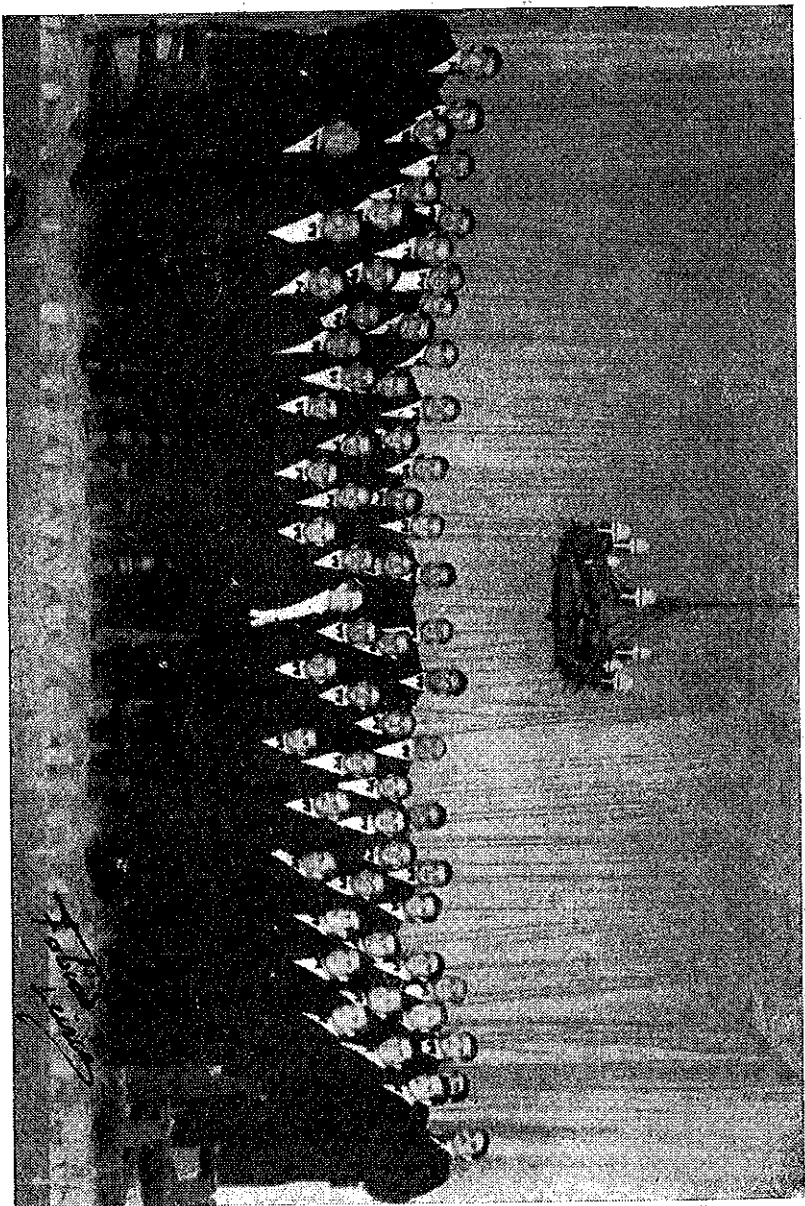
EMISSORA NACIONAL

1 9 4 8



LEIRIA

AGOSTO DE 1948



ORFEÃO DE LEIRIA

1948

Handwritten signature

PROGRAMA

Transmissão do Largo da Sé, em Leiria, da Festa para distribuição dos prémios dos Jogos Florais de 1948.

TERÇA-FEIRA, 31 DE AGOSTO DE 1948

Das 21,45 às 22,30

Primeira parte, em que colaboram a Orquestra Sinfónica Popular, dirigida pelo maestro Frederico de Freitas, e a pianista Maria Carlota Tinoco.

1. Marcha de pompa e circunstância n.º 1 *Elgar*
2. Febres *Belo Marques*
3. Dança guerreira do Gungunhana *Belo Marques*

ORQUESTRA

4. Fantasia húngara *Liszt*

PIANO E ORQUESTRA

5. Guilherme Tell — abertura da ópera *Rossini*

ORQUESTRA

Solo de violoncelo pelo professor Fernando Costa

Segunda parte

1. *Hino a Leiria*, pelo orfeão de Leiria.
2. *Algumas palavras por António Ferro, Secretário Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo.*
3. *Leitura das poesias premiadas e distribuição dos prémios.*

Leitores oficiais: Carmen Dolores e Manuel Lereño

Terceira parte, em que colaboram a Orquestra Ligeira, dirigida por Tavares Belo, o Coro Feminino, dirigido por Belo Marques, as cançonetistas Maria Clara, Luísa Maria e o cantor José António.

Abertura — Orquestra.

1. *Trova do Douro* (Bernardo Ferreira) — canto e orquestra: Maria Clara.
2. *Alcachofras* (folclore) — Coro Feminino.
3. *Primavera em flor* (Nóbrega e Sousa, letra de Silva Tavares) — canto e orquestra: Luísa Maria.
4. *Tempo que passa* (Belo Marques) — canto e orquestra: José António.
5. *Farroupeirinha* (Elvira de Freitas) — Coro Feminino.
6. *Não me esqueceste* (João Nobre) — canto e orquestra: Maria Clara.
7. *Sonho de Primavera* (António Melo, letra de Silva Tavares) — Orquestra, Coro Feminino e Luísa Maria.
8. *Meu sonho nasceu de ti* (Eduardo Loureiro, letra de Hernani Correia) — canto e orquestra: José António.
9. «*Leiria*» 1.^a audição (Belo Marques, letra de Silva Tavares) — canto e orquestra, Maria de Lourdes.

Fecho — Orquestra.



Terceira parte, em que colaboram a Orquestra Ligeira, dirigida por Tavares Belo, o Coro Feminino, dirigido por Belo Marques, as cançonetistas Maria Clara, Luísa Maria e o cantor José António.

Abertura — Orquestra.

1. *Trova do Douro* (Bernardo Ferreira) — canto e orquestra: Maria Clara.
2. *Alcachofras* (folclore) — Coro Feminino.
3. *Primavera em flor* (Nóbrega e Sousa, letra de Silva Tavares) — canto e orquestra: Luísa Maria.
4. *Tempo que passa* (Belo Marques) — canto e orquestra: José António.
5. *Farroupeirinha* (Elvira de Freitas) — Coro Feminino.
6. *Não me esqueceste* (João Nobre) — canto e orquestra: Maria Clara.
7. *Sonho de Primavera* (António Melo, letra de Silva Tavares) — Orquestra, Coro Feminino e Luísa Maria.
8. *Meu sonho nasceu de ti* (Eduardo Loureiro, letra de Hernani Correia) — canto e orquestra: José António.
9. «*Leiria*» 1.^a audição (Belo Marques, letra de Silva Tavares) — canto e orquestra, Maria de Lourdes.

Fecho — Orquestra.



PRIMEIRO PRÉMIO SONETO

F E C H O U - S E A V I D A . . .

Fechou-se a vida nos meus dedos, breve
Como a luz da manhã sobre a planície...
— Gorgeio de ave em árvore de neve
Que o vento da montanha sacudisse.

Fechou-se a tarde nos meus olhos, leve,
Como se a luz dos montes a não visse.
E o meu silêncio amargurado teve
A cor duma palavra que não disse.

Fechou-se a noite densa nos meus ombros,
Em pesadelos negros e pressagos,
Carregados de sombras e assombros.

Só tu ficaste, ó flor dos sonhos vagos,
Aberta à luz de Deus, entre os escombros,
Como a rosa da lua à flor dos lagos!

C A M P O S D E F I G U E I R E D O

SEGUNDO PRÉMIO
SONETO

L I B E R T A Ç Ã O

Eis a montanha!... Enfim respiro fundo!...
Sorvo a plenos pulmões este ar lavado.
— Deixei no vale as podridões do mundo;
toda a idéia de culpa ou de pecado!

Trouxe apenas comigo o meu profundo
Anseio, a minha Fé, o meu cajado,
E o rosário de certo moribundo...
— Um rosário que nunca foi rezado!...

A noite desce lenta! Olhos de estrelas
Surgem no espaço como sentinelas...
Minha alma ajoelha!... Este silêncio abate-a!...

E enquanto a sombra espessa vai rolando,
Eu julgo ouvir os anjos caminhando
Sobre os seixos de luz da Via-Láctea!...

C A R L O S D E M O R A I S

SEGUNDO PRÉMIO
SONETO

LIBERTACÃO

Eis a montanha!... Enfim respiro fundo!...
Sorvo a plenos pulmões este ar lavado.
— Deixei no vale as podridões do mundo;
toda a idéia de culpa ou de pecado!

Trouxe apenas comigo o meu profundo
Anseio, a minha Fé, o meu cajado,
E o rosário de certo moribundo...
— Um rosário que nunca foi rezado!...

A noite desce lenta! Olhos de estrelas
Surgem no espaço como sentinelas...
Minha alma ajoelha!... Este silêncio abate-a!...

E enquanto a sombra espessa vai rolando,
Eu julgo ouvir os anjos caminhando
Sobre os seixos de luz da Via-Láctea!...

C A R L O S . D E M O R A I S

PRIMEIRO PRÉMIO
POESIA
L Í R I C A

TESTAMENTO

Filho: dou-te a alegria capitosa,
Mãe de todas as esperanças
E dos mais altos ideais.
A alegria inconsciente e vitoriosa
Que há nos lábios das crianças
E nas asas dos pardais.

Deixo-te o verde tenro das folhagens,
O rumor dos arvoredos...
As ondas incontidas e selvagens
Vestindo com inéditas roupagens
Os corpos angulosos dos rochedos.

Deixo-te a sinfonia das rajadas
E a orquestra das velas desfraldadas
Que o vento rege com as mãos eólicas...
O oiro da giesta em flor, na solidão do atalho
E as pérolas puríssimas do orvalho
Nas puríssimas folhas das magnólias.

Deixo-te a cor azul das águas quietas
E o vermelho das grandes convulsões.

A cor, que se desdobra em mil facetas,
Que é modéstia nos tons das violetas
E vaidade nos leques dos pavões.

Fica-te o bem das chuvas transparentes,
O seu corpo de grande iluminada
Mergulhando na terra as mãos ausentes
E deixando no seio das sementes
A certeza da fome saciada.

Deixo-te os trevos livres e espontâneos
Cobrindo a nudez do prado
E das ravinas desertas...
O olhar adulto e rubro dos gerâneos
Junto do olhar curioso e perfumado
Das corolas mal abertas.

Deixo-te as madrugadas e os poentes,
O Sol em brasa, a vastidão dos gelos,
A grandeza do mar, o sulco dos ribeiros...
A melodia viva das nascentes
Que é vinho nas artérias dos bacelos
E sangue nas raízes dos sobreiros.

Deixo-te a Lua, altiva na subida...
Também te deixo a voz dos rouxinóis
E o estranho sortilégio dos seus cantos...
A coragem bravia e desmedida:
Apoteose na alma dos heróis
E resplendor no coração dos santos.

Deixo-te sonhos modestos
Ou o esplendor dum sonho mais profundo
Que em ti produza inatingidos brilhos.
Deixo-te os braços honestos
Com que hás-de vencer o mundo
E semear o pão para os teus filhos.

A cor, que se desdobra em mil facetas,
Que é modéstia nos tons das violetas
E vaidade nos leques dos pávões.

Fica-te o bem das chuvas transparentes,
O seu corpo de grande iluminada
Mergulhando na terra as mãos ausentes
E deixando no seio das sementes
A certeza da fome saciada.

Deixo-te os trevos livres e espontâneos
Cobrindo a nudez do prado
E das ravinas desertas...
O olhar adulto e rubro dos gerâneos
Junto do olhar curioso e perfumado
Das corolas mal abertas.

Deixo-te as madrugadas e os poentes,
O Sol em brasa, a vastidão dos gelos,
A grandeza do mar, o sulco dos ribeiros...
A melodia viva das nascentes
Que é vinho nas artérias dos bacelos
E sangue nas raízes dos sobreiros.

Deixo-te a Lua, ativa na subida...
Também te deixo a voz dos rouxinóis
E o estranho sortilégio dos seus cantos...
A coragem bravia e desmedida:
Apoteose na alma dos heróis
E resplendor no coração dos santos.

Deixo-te sonhos modestos
Ou o esplendor dum sonho mais profundo
Que em ti produza inatingidos brilhos.
Deixo-te os braços honestos
Com que hás-de vencer o mundo
E semear o pão para os teus filhos.

Deixo-te a fé no bem, cravos aos molhos,
As pedras do sal bendito...
Deixo-te a luz purinha e sem abrolhos
Para que a bebam teus olhos
E embriagues a alma de Infinito.

Filho: deixo-te o germe das venturas
Ao alcance do teu braço...
As estradas floridas e seguras
E mais o livro aberto das Alturas
E os versos pobrezinhos que te faço.

Ensinei-te o caminho da Verdade,
Já sabes o caminho a percorrer.
Deixo-te Deus na alma sem maldade
E a riqueza sem par da mocidade
E a divina alegria de viver!

MARIA HELENA DUARTE DE ALMEIDA

SEGUNDO PRÊMIO

POESIA

L Í R I C A

P R I M E I R A E L E G I A

Montes, montes parados na distância,
Passou por vós o tempo, e estais aí
Encostados ao céu, como vos vi,
Há tantos anos já, naquela infância
Que sem saber vivi... quando vivi!

Mentes, dizei, que sombra me levou,
Que não existo já como existis?
Onde caiu meu tronco sem raiz?
Onde morreu a ave que em seu voo
Levou, cantando, a luz do céu feliz?

Aves, cantai por vós, cantai por mim!
Toda a consolação do meu futuro
Está no vosso canto... E o sonho escuro,
Se vos ouve cantar, diz-me que vim
Aos páramos da luz que em vós procuro.

Aves, cantai... A vida é bela e boa!...
Di-lo a vossa canção que tudo sabe.
Quando a floresta escuta um canto de ave,
Não há dor do universo que nos doa.
Aves, cantai, que a minha hora é grave.

SEGUNDO PRÊMIO
POESIA
L Í R I C A

P R I M E I R A E L E G I A

Montes, montes parados na distância,
Passou por vós o tempo, e estais aí
Encostados ao céu, como vos vi,
Há tantos anos já, naquela infância
Que sem saber vivi... quando vivi!

Mentes, dizei, que sombra me levou,
Que não existo já como existis?
Onde caiu meu tronco sem raiz?
Onde morreu a ave que em seu voo
Levou, cantando, a luz do céu feliz?

Aves, cantai por vós, cantai por mim!
Toda a consolação do meu futuro
Está no vosso canto... E o sonho escuro,
Se vos ouve cantar, diz-me que vim
Aos páramos da luz que em vós procuro.

Aves, cantai... A vida é bela e boa!...
Di-lo a vossa canção que tudo sabe.
Quando a floresta escuta um canto de ave,
Não há dor do universo que nos doa.
Aves, cantai, que a minha hora é grave.

Rio sempre acordado sobre o leito,
— Abraço do passado e do presente;
Céu e terra beijados na corrente:
Responde, em que maré ficou desfeito
Meu rosto de menino e adolescente?

Rio, contigo foi a flor sem haste
Do Narciso extasiado à superfície;
Contigo fui às margens da planície,
E lá morri cantando, onde passaste,
Sem que a luz da manhã nos presentisse.

Ondas do mar, ondas do mar antigo,
Nasceis, mal uma Ninfa se levante,
Para morrer na luz do mesmo instante!
Eu sou contigo, ó mar, eu sou contigo,
No mesmo ser do instante para diante.

Por isso, ó mar, pergunto aonde vais,
Aonde vamos nós, que não sabemos
Que mão oculta move o leme e os remos,
Lá para onde espera o porto e o cais,
No fim da negra viagem que fazemos.

Fontes, versos da terra entre penedos...
Dor que as ondas do mar sofreram tanto,
Que o mar se fez em temporal de espanto,
Nos abismos das névens e dos medos!
Fontes, cantai por mim o que eu não canto!

Chorai por mim a vida que me pede
A alegria do jovem que morreu.
Este que ouvis cantar, já não sou eu...
Fontes, já sou a terra e tenho sede...
Tenho sede da luz que o Céu me deu!

J O S É D E F I G U E I R E D O J Ú N I O R

SEGUNDO EX-AEQUO

POESIA

L I R I C A

POEMA DA ALVORADA

Dilútu-se o luar em rosas bravas...

Transformou-se a montanha num morango
E o rio numa folha de navalha!

Veio o vento agitar as verdes tranças
Da terra cor de palha...

Ela abriu, longamente, os grandes olhos de água
Fitando o espelho azul do Céu pulido...

— Cingiam-lhe a loira espádua
Rendas de névoa e de vidro
Do tear das cachoeiras!...
Sua cintura de virgem,
Que o rio tornou mais fina,
Toda enfeitada de orvalho
Cheirava a mel e resina!

Cheirava a mel e resina
Antes do dia nascer...

Mas na lâmina das fragas,
Entre estilhaços de luz

Há sol e sangue a escorrer!

H E R N A N I D E M E L O V I A N A

SEGUNDO EX-AEQUO

POESIA

L I R I C A

POEMA DA ALVORADA

Diluí-se o luar em rosas bravas...

Transformou-se a montanha num morango
E o rio numa folha de navalha!

Veio o vento agitar as verdes tranças
Da terra cor de palha...

Ela abriu, longamente, os grandes olhos de água
Fitando o espelho azul do Céu pulido...

— Cingiam-lhe a loira espádua
Rendas de névoa e de vidro
Do tear das cachoeiras!...
Sua cintura de virgem,
Que o rio tornou mais fina,
Toda enfeitada de orvalho
Cheirava a mel e resina!

Cheirava a mel e resina
Antes do dia nascer...

Mas na lâmina das fragas,
Entre estilhaços de luz

Há sol e sangue a escorrer!

H E R N A N I D E M E L O V I A N A

PRIMEIRO PRÊMIO

POESIA

ALUSIVA

A L E I R I A

DESDE ESSE DIA

Oíço passar as águas rumorosas
do meu ameno Lis...
A brisa sorve o hálito das rosas
de que Izabel fez pão, quando Deus quis!

Leiria splende! A luz do sol, ofusca!
E fixando o castelo abandonado,
foge-me o pensamento e corre, em busca
de nem eu sei que sombras do passado.

Que vulto é aquele que o meu sonho abrange
e que aos outros domina, grave e sério,
de olhos postos nas mãos de alguém que tange
as gemebundas cordas do saltério?

Nunca se viu mais femenil encanto!...
Talvez recorde a infância, em Aragão,
ouvindo a voz do trovador, que tanto
fala de coração... sem coração!

E Dom Dinis, longe de si — consigo
ali tão perto! — canta, comovido,
a cantiga que acaba de compor:
— «Non chegou, madr', o meu amigo,
e hoje é o prazo saído!
Ai, madre, moiro d'amor!»

.....
Desde esse dia, as águas rumorosas
do meu ameno Lis,
decoraram, por certo, as suspirosas
trovas de Dom Dinis!

Desde esse dia, o vento que sacode
o pinhal que ali perto el-rei plantou,
decorou e repete, como pode,
as trovas que escutou!

Desde esse dia, as flores debruçadas
da margem sobre o rio que deslisa,
dizem também as trovas decoradas,
logo levadas pela fresca brisa!

E nos olhos das môças de Leiria,
mesmo sem saber ler — seja quem for
aprende a ler e lê, desde esse dia:
— «Ai madre, moiro d'amor!»

M A R I A R E G I N A G A R R I D O P O E I R A

SEGUNDO PRÊMIO

POESIA

EXALTAÇÃO

A L E I R I A

Q U A T R O A L T A R E S

Canto o povo singelo das aldeias
Da Beira-Litoral!
Canto os morenos pescadores;
Canto as mulheres sombrias que labutam
E dão ao mar os filhos!
Quero cantar os rudes cavadores
E as suas companheiras!
Canto a canção das ondas e das leiras
— A sinfonia bárbara e gritante
Do pão de cada instante!
Canto a fé que sustenta aquelas almas
— Dando-lhes risos para as horas calmas
E fé maior nas horas de desgraça!
Canto a gente, a paisagem,
O Passado e o Presente!
— Dai-me, Senhor, em cada imagem
Toda a verdade que a minha alma sente!
.....
Repitam-se epopeias de batalhas
E promessas de novos juramentos

E milagres de nova arquitectura!
Repitam-se os ousados juramentos
Dos Afonsos Domingues, na presença
Da construção futura!
E venha, ainda, atravessando os Tempos,
O cortejo de amor, que tanta vez
Os rouxinóis do Lena choram ao pôr do sol:
O Cortejo que passa
Para levar a Alcobaça
Essa que foi em vida a linda Inês...
Ressuscitem das páginas da História
Os lamentos daqueles que morreram
No rosário da glória:
— Santa Maria da Pena até Santa Maria da Vitória!
E, de eco em eco, as serras da Lousã,
De Candeeiro, de Aire e de Sicó
Possam cantar no rubor da manhã
As cantigas de amigo, as cantigas de amor
Do Rei que, além de rei, foi trovador...
Cantem rios, salgueiros, natureza
As redondilhas feitas de beleza
Desse poeta antigo e sempre novo:
— Canta, Leiria, os versos imortais
Do teu Rodrigues Lobo!
...E por milagre espalhe-se entre o Povo
A melodia eterna de tais versos
Mas que sejam impressos
Naquela prensa antiga — com certeza
A primeira da terra portuguesa!
.....
Cresceu a maravilha mais e mais!
Na mesma terra heróica de batalhas
Dessa formosa Beira-Litoral
Onde, primeiro, «os mortos imortais»
Afirmaram: Aqui é Portugal —
Na mesma terra aonde treme a chama
Da nossa vassalagem

Ao heróico Soldado sem linhagem;
Naquela mesma terra dos pomares,
Das práias piscatórias e singelas,
Das feiras, das faianças, dos lagares
E do Pinhal que deu as Caravelas
— É que surgiu o vulto de Maria
Para ofuscar a iridiação do dia
Nos milagres de amor de Nazaré e da Cova de Iria!
Seja bendita a terra que merece
A doce graça
Que lhe vem dos céus:
— Ser altar de batalhas, na Batalha;
Altar das Descobertas, no Pinhal;
Altar dum grande amor em Alcobaça
E ser Fátima, ainda, altar de Deus!
— Bendita seja a terra de Leiria
Que se tornou altar de Portugal!

J E R Ó N I M O B R A G A N Ç A

QUADRA

PRIMEIRO PRÉMIO

A FELICIDADE É O BEM
MAIS SIMPLES DE SE ALCANÇAR:
— CADA QUAL É TÃO FELIZ
QUANTO O QUEIRA IMAGINAR.

M A N U E L P E D R O S O G O N Ç A L V E S

SEGUNDO PRÉMIO

SÓ DÁS VALOR AO DINHEIRO,
MAS ESTA VERDADE APRENDE:
O QUE MAIS VALE NO MUNDO,
NÃO SE COMPRA NEM SE VENDE!

M A R I A D E R E Z E N D E

TERCEIRO PRÉMIO

NADA TE PEÇO NEM DIGO...
PREFIRO MORRER DE DOR:
— QUEM PEDE É SEMPRE MENDIGO,
SEJA DE PÃO OU DE AMOR!

M A R I A R E G I N A G A R R I D O P O E I R A

QUARTO PRÉMIO

EU SEI DE TRÊS BRINCOS DE OIRO
QUE ANDAM SEMPRE AOS BALANCÉS:
SÃO OS BRINCOS QUE TU USAS
E O BRINQUINHO QUE TU ÉS!

J O S É B A S T O S

PRIMEIRO PRÉMIO

POESIA HERÓICA

O SONHO DUM CASTELO

No relógio do Tempo, batem fundo
Horas grandes de sonhos, de ansiedades...
Palpita um céu de estrelas sobre o mundo;
Viriato é como um céu, sobre as idades...

Do relógio do Tempo ecoam fortes
Pancadas magnas, num ressoar de glória...
Nascem astros nas almas; surgem nortes...
A iluminar o novo céu da História...

O relógio estremece por instantes.
O espaço freme. Avançam cavaleiros...
— É Guimarães que impõe os seus quadrantes
A heróica marcha augusta dos ponteiros!

O relógio do Tempo continua...
Deus quer. Afonso pensa. O sonho é real!
E no relógio grande, à luz da lua,
Bate a primeira hora: — PORTUGAL!

O relógio do Tempo segue a ronda...
No Castelo há incêndios de Ideal.
Afonso chama alguém que lhe responda,
E outra vez ressoou forte: — PORTUGAL!

Rojam-se escudos. Cruzam, fulgem lanças.
S. Mamede amanhece. O sonho é real!
E de novo o relógio das esperanças
Bate mais forte ainda: — PORTUGAL!

Lanhoso cinge a espada e olha em volta...
O sol é bênção de oiro nas alfombras.
Na guarda de honra de luzida escolta,
Afonso avança, a dissipar as sombras...

Há frémitos de luta e sonho e glória:
Sob as lorigas a brilhar em sóis,
Os corações palpitam para a História
Na marcha intemerata dos Heróis...

A Pátria sabe que esta hora é sua!
Riba-Douro crepita em arrajal...
E o relógio do Tempo continua,
Cada vez mais solene: — PORTUGAL!

Cavaleiros, donzéis, pagens, escudeiros —
Um vento de entusiasmo os prende e queima.
Ao contemplar a marcha dos ponteiros,
Afonso avança e sonha e corre e teima...

Do relógio do Tempo ecoam fundo
Pancadas brônzeas. Sobe um mastro real...
E o relógio repete — para o mundo —
Solene, heróico, augusto: — PORTUGAL!

Deus quis. A Pátria sonha. Afonso manda.
As pedras do Castelo são mistérios...
E, ao debruçar-se, Afonso, na varanda,
— Sente a atmosfera larga dos Impérios!...

C A S T R O G I L

SEGUNDO PRÉMIO
POESIA
H E R O I C A

O O CALVÁRIO DE ÁFRICA

Na masmorra sem ar, imúnda e negra,
ressonam os cativos.
Os corpos devastados sugam terra
como plantas informes
que um artista brutal realizasse
num acto de loucura.
Descansam dos ultrajes infinitos,
dos cansaços mortais,
sonham com a distância, o lar perdido,
com a pátria perdida...
Chamam-se Portugueses, mártires de África
Ao longe a hora estagna
desdobrando o seu manto sobre os mares,
e os pesadelos surgem
infestando de sombras e de assombros
a alma dos heróis.
D. Fernando delira contemplando
as muralhas de Tânger...
Os metais dardejavam maldições
sob o frio das estrelas.
As mãos da noite espessa martelavam
o tambor da epopeia

e o vento declamava nas montanhas
hexâmetros de Homero...
O desastre maldito arde-lhe ainda
no peito macerado
e a fome e a sede abrasam-lhe as entranhas
palpitantes de febre.
Frei Tomé de Jesus descansa e sonha
com Alcácer Quibir,
ponto final na página dum sonho.
Ébrio de exaltação,
recorda a luta heróica e sublimada
que modelou titãs
e a beleza imortal da queda extrema,
a vertigem do abismo.
Recorda o sangue ardente que molhou
a planura sequiosa
e as últimas palavras dum herói
que morreu devagar...
Na masmorra sem luz, imunda e fria,
resplandece um clarão!
Cada corpo é um facho atormentado
iluminando a Pátria,
cada escravo é um hino de grandeza
exaltando uma História.

MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO